

POR QUE OS ORTODOXOS ERRAM TANTO?

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 8.2.2010

Porque adotam método de ciências como a matemática para justificar o "laissez-faire", origem de crises e mais crises

A grande crise de 2008 foi também a crise da teoria econômica ortodoxa ou neoclássica, dominante desde os anos 1980; foi a crise da teoria do equilíbrio geral e da macroeconomia neoclássica baseada nas expectativas racionais. Este fracasso não foi surpreendente. Essas duas teorias ensinadas nos curso de pós-graduação das grandes universidades têm aparência científica, porque o método hipotético-dedutivo empregado para desenvolvê-las permite o uso abusivo da matemática. Na verdade, são castelos no ar que possuem alguma coerência lógica, mas não têm base na realidade dos sistemas econômicos reais. Além de não terem utilidade prática, essas teorias apresentam alta periculosidade. Foram essas construções matemáticas que legitimaram a principal causa da crise financeira global: a desregulação dos mercados

A ortodoxia neoclássica é dogmática e afastada da realidade porque usa um método baseado em axiomas ao invés de generalizar a experiência do comportamento dos mercados. Embora também usando o método hipotético-dedutivo a microeconomia neoclássica, excluída o modelo de equilíbrio geral é muito útil porque ele e a teoria dos jogos constituem uma ciência metodológica auxiliar: a teoria econômica da decisão. Já teoria do equilíbrio geral, a macroeconomia das expectativas racionais e os modelos de crescimento endógeno são teorias ortodoxas que não orientaram a política econômica dos países que em que foram desenvolvidas nos períodos de grande desenvolvimento. Na Inglaterra, no século XVIII, foi a teoria econômica mercantilista que desempenhou esse papel; na Alemanha de Bismarck, a escola histórica; nos Estados Unidos, na primeira metade do século XX, a teoria institucionalista americana; no Japão e em todos os países que se industrializaram no século XX, a teoria estruturalista do desenvolvimento

(*development economics*) e a estratégia desenvolvimentista; e, finalmente, nos países ricos, nos “30 anos dourados do capitalismo” (1945-75), foi a teoria econômica keynesiana que inspirou a política econômica.

Para se legitimar, a ortodoxia se compara com a política de irresponsabilidade fiscal e cambial que é tão comum em países mal governados – mas isto não a torna verdadeira. Nem justificava a tese de que era ela a única alternativa ao populismo econômico. A lenda que a envolve é a de que sua seriedade e severidade assegurariam estabilidade macroeconômica aos países que a aplicassem. Entretanto, as crises financeiras muito mais frequentes jogaram por terra essa tese. No caso dos países em desenvolvimento, a instabilidade resulta do apoio da ortodoxia a déficits em conta corrente (ou seja, no populismo cambial); no caso dos países ricos, do pressuposto de mercados auto-regulados e de sua deliberada desregulação.

Há alguns meses Paul Krugman perguntou “por que os economistas erraram tanto?”. A razão principal foi que os economistas “mainstream” adotaram o método hipotético-dedutivo que é próprio de ciências metodológicas como a matemática, a estatística e a teoria econômica da decisão, ao invés de usarem o método histórico ou empírico e, a partir dele, generalizarem e formularem teorias pouco matemáticas mas realistas como acontece com a teoria keynesiana. Isto lhes permitiu matematizar a teoria econômica, usar cálculo diferencial e integral, e, assim, lhe dar uma aparência científica, mas, com essa roupagem matemática, a teoria ortodoxa estava justificando o velho *laissez faire* que sempre foi origem de crises e mais crises.